

WILLIAM LLOYD GARRISON E O CARÁTER INTERRACIAL DO MOVIMENTO ABOLICIONISTA

WILLIAM LLOYD GARRISON AND THE INTERRACIAL FEATURE OF THE ABOLITIONIST MOVEMENT

FILIPE SAMPAIO ROBLES*¹

Resumo: Neste trabalho, pretendemos estudar a vida do abolicionista norte-americano William Lloyd Garrison. Com efeito, discutiremos a trajetória pessoal de Garrison e os momentos em que se conectou à experiência de afro-americanos de seu tempo. Analisaremos também o trabalho de Garrison em jornais abolicionistas, o qual culminou na fundação de seu próprio jornal, o *The Liberator*, que atuou como um potencializador de lutas abolicionistas com a parceria de Frederick Douglass, a quem Garrison conheceu numa convenção abolicionista. Concluiremos, assim, nossa nota de modo a assinalar o papel de Garrison como um propagador do imediatismo antiescravista, tão caro à experiência dos negros livres com quem ele conviveu.

Palavras-chave: Garrison; abolicionismo; negros livres.

Abstract: In this work, we intend to study the life of the American abolitionist William Lloyd Garrison. Thus, we will discuss Garrison's personal life and the moments in which he connected the African American experience of his time. We will also point out his work at abolitionist newspapers that culminated in the founding of his own newspaper, *The Liberator*, which acted as an enhancer of abolitionist struggles, in partnership with Frederick Douglass, whom he met at an abolitionist convention. We will conclude our work in order to point out the role of Garrison as a propagator of the anti-slavery urgency, so dear to the experience of free blacks with whom he lived.

Keywords: Garrison; abolitionism; free blacks.

Nota Introdutória

Numa visita à sua mãe, em Baltimore, estado de Maryland, William Lloyd Garrison, que já vivia em Massachusetts, observou que a escrava Henny era a única pessoa que cuidava daquela mulher que já estava nos últimos e solitários dias de vida. A mãe, então, fez um pedido

* Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense. (E-mail: filiperobles@id.uff.br)

¹ Nota de pesquisa recebida em 28 de setembro de 2019 e aprovada para publicação em 12 de novembro de 2020.

ao filho: “Apesar de ser escrava do homem, [Henny] ainda é um espírito nascido-livre pela graça de Deus... Lembre-se dela pelo amor de sua pobre mãe”².

A mãe de William morreu logo após a sua visita. Seja por conta desse forte pedido seja por outro motivo, William Lloyd Garrison não se esqueceu de Henny e nem de outro “espírito nascido-livre”³ como ela. Ao conhecer o jovem ex-escravo Frederick Douglass, numa convenção abolicionista em que este contava a sua história e falava sobre o seu sofrimento no cativeiro, Lloyd, como sua mãe o chamava, perguntou à plateia: “O que vocês veem e ouvem é um pedaço de propriedade ou um homem?”⁴.

Essas e outras palavras eloquentes fizeram de Lloyd Garrison uma das principais lideranças abolicionistas nos Estados Unidos, a partir da década de 1830. A atuação política de Garrison o aproximou de negros livres por todos os lugares por onde passou. Escravos fugitivos procurando ajuda, afro-americanos que militavam na causa antiescravista e pessoas que precisavam dar publicidade a lutas locais em favor de negros viam em Garrison um aliado e um potencializador de embates políticos. Neste trabalho, pretendemos explorar, pela ótica da trajetória desse líder, aquilo que a historiadora Manisha Sinha já notara: que o movimento abolicionista foi, desde o seu início, um movimento interracial⁵.

Assim, esta pesquisa procurará analisar, considerando a pluralidade das discussões historiográficas sobre o assunto, as relações entre William Lloyd Garrison e a população afrodescendente escrava e livre de seu tempo; daremos também especial atenção para a parceria política de Garrison com o abolicionista negro Frederick Douglass. Portanto, tomaremos como recorte temporal o período entre 1831, quando Garrison inicia a sua militância no jornal *The Liberator*, e 1861, com o início da Guerra Civil Americana. Trataremos, neste trabalho, não só da trajetória pessoal ou política de Garrison, mas também da interinfluência entre essas duas esferas, indicando como os laços pessoais desse homem com a população negra influenciaram a visão abolicionista radical que ele desenvolveu.

Dentre a vasta literatura que trata do movimento abolicionista norte-americano, aqui destacamos as linhas que mais dialogam com a proposta do trabalho. Em primeiro lugar, os

² THOMAS, W. **William Lloyd Garrison: A Radical Voice Against Slavery**. New York: Cabtree Publishing Company, 2020, p.11

³ *Idem*, p.11

⁴ *Idem*, p. 38

⁵ SINHA, M. **The Slave's Cause: A History of Abolition**. New Haven: Yale University Press, 2016.

debates sobre o imediatismo tiveram entre seus principais expoentes Anne Loveland⁶, James Stewart⁷ e David Blight⁸. Os dois primeiros foram responsáveis por enfatizar o papel do evangelismo, ascendente nos anos 1820 e 1830, na radicalização do movimento. Para Loveland, a transição entre o abolicionismo gradual e o radical não foi apenas discursiva, mas uma mudança de disposição causada pelo desenvolvimento religioso das décadas precedentes. Analisando tal desenvolvimento, ela afirmou que este se deu no sentido de enfatizar a “capacidade em vez da incapacidade, atividade em vez de passividade, benevolência no lugar da piedade” e que “tais mudanças foram fundamentais ao surgimento da disposição imediatista”⁹. David Blight, admitindo essa tese, acrescentou que a radicalização dos abolicionistas também foi uma resposta à intransigência dos pró-escravistas sulistas, em suas palavras: “a emergência do imediatismo, portanto, foi tanto uma resposta às frustrações da oposição externa como um produto do zelo interior evangélico”¹⁰.

Além disso, uma segunda linha de investigação trata do papel do humanitarismo na crítica à escravidão. David Eltis indicou que mudanças nas sensibilidades em relação à crueldade, tortura e escravidão datavam do século XVII e eram um dos importantes elementos na ascensão do antiescravismo¹¹. Nessa linha, Thomas Haskell¹², investigando a relação entre o capitalismo, o humanitarismo e o antiescravismo, articulou que, em fins do século XVIII, pelos “efeitos multifacetados do mercado”, desenvolveram-se novas sensibilidades humanitárias não tanto influenciadas por interesses de classe¹³ e mais pelo “poder da disciplina de mercado de inculcar percepções alteradas de causalidade nas relações humanas”¹⁴. Nesse sentido, Howard Temperley acrescenta que “a abolição não teve nada a ver com economia, exceto pelo fato de que os interesses econômicos foram um fator a ser superado”¹⁵.

⁶ LOVELAND, A. Evangelicalism and 'Immediate Emancipation' in American Antislavery Thought. **Journal of Southern History**, Houston, v. 32, p. 172-180, 1966.

⁷ STEWART, J. Evangelicalism and the Radical Strain in Southern Antislavery Thought During the 1820s. **Journal of Southern History**, Houston, v. 39, ago., p. 379-396, 1973.

⁸ BLIGHT, D. Perceptions of Southern Intransigence and the Rise of Radical Antislavery Thought, 1816-1830. **Journal of the Early Republic**, Filadélfia, v. 3, n. 2, summer, p. 139-163, 1983.

⁹ LOVELAND, A. *Op cit.*, p. 4.

¹⁰ BLIGHT, D. *Op cit.*, p. 25.

¹¹ ELTIS, D. Abolition and Identity in the very long run. In: KLOOSTER, Wim (Ed.). **Migration, Trade, and Slavery in an Expanding World: Essays in Honor of Pieter Emmer**. Boston; Leiden: Brill, 2009. pp. 227-258.

¹² HASKELL, T. Capitalism and the Origins of the Humanitarian Sensibility, Part 1. **The American Historical Review**, Oxford, v. 9, n. 2, abr., p. 339-361, 1985.

¹³ DAVIS, D.B. **The Problem of Slavery in the Age of Revolution**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

¹⁴ HASKELL, T. *Op cit.*, p. 5

¹⁵ TEMPERLEY, H. Capitalism, Slavery, and Ideology. **Past and Present**, Oxford, n.75, mai., p. 94-118, 1977.

No mais, trabalhos recentes de Margaret Abruzzo têm apontado mudanças de atitudes, na virada do século XVII para o XVIII, que objetivavam aliviar sofrimentos, crueldades e dores desnecessárias na sociedade. Examinando os discursos morais disseminados nas faculdades dos estados nortistas, Abruzzo verificou que a filosofia moral de matriz escocesa deu arcabouço teórico para que estudantes, acadêmicos e intelectuais na Nova Inglaterra criticassem formas de crueldade e de escravidão.¹⁶

Em terceiro plano, sublinhamos os debates sobre o capitalismo e a escravidão que foram fundamentais para permitir que olhássemos para os primeiros momentos tanto do abolicionismo norte-americano quanto do britânico levando em consideração as condições estruturais de uma economia que se industrializava. Sendo um dos nomes mais significativos neste campo de estudo, Eric Williams, no clássico *Capitalismo e Escravidão*, defendeu a tese de que o capitalismo mercantil do Setecentos, a partir do monopólio e da escravidão, fora capaz de enriquecer a Europa, como também ajudou a criar um capitalismo industrial que depois o arruinou e destruiu a escravidão¹⁷. Nessa mesma linha, o historiador holandês Jan de Vries analisou como a extração de *commodities* com mão-de-obra escrava nas Américas impulsionou uma revolução de consumo na Europa que se industrializava. Ele denominou esse fenômeno como *revolução industrial*¹⁸.

Por fim, não podemos deixar de lembrar das importantes discussões de cunho teórico-metodológico que embasam esta investigação, a qual sublinha a agência de personagens históricos na construção do movimento abolicionista de caráter interracial que aderiu, cada vez mais, ao imediatismo. Dessa sorte, o historiador italiano Giovanni Levi apontava para um estilo de escrita biográfica chamado de *biografia modal*, qual seja, a investigação que se debruça em personagens históricos não para heroizá-los ou para construir narrativas de cunho exemplar e moralistas, mas para tentar extrair deles algo de alcance geral, que reflita a dimensão do coletivo¹⁹. Com efeito, Pierre Bourdieu imprimiu importantes observações no que concerne ao

¹⁶ ABRUZZO, M. A. Humane Master — An Obliging Neighbor — A True Philanthropist: Slavery, Cruelty, and Moral Philosophy. *The Princeton University Library Chronicle*, New Jersey, v. 66, n. 3, spring, p.493-521, 2005.

¹⁷ WILLIAMS, E. *Capitalismo e escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹⁸ DE VRIES, J. *The Industrious Revolution: Consumer Behavior and the Household Economy, 1650 to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

¹⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp. 167-187.

perigo de se construir uma narrativa teleológica do biografado, na medida em que o historiador é tentado a traçar linhas de continuidade e de inevitabilidade na vida dos personagens que estuda²⁰. No mais, essas reflexões nos levam a ressaltar a importância de olhar para William Lloyd Garrison não como um indivíduo especial e fora de seu contexto, nem tampouco perder de vista as descontinuidades e o inesperado em sua trajetória pessoal e política.

Antecedentes

Desde o século XVII, nos Estados Unidos, os negros eram representados ou de maneira infantilizada, como crianças e ingênuos, ou como fontes de mazelas sociais, como a prostituição e os crimes violentos. Esse tipo de caracterização embasava leis restritivas e, até mesmo, a manumissão privada, pois, por exemplo, na Virgínia, o senhor que quisesse alforriar um escravo deveria pagar a viagem deste para fora do estado²¹. Assim, mantiveram-se fortes as ideias, mesmo entre os abolicionistas, de que a emancipação precisaria ser preparada gradualmente e que os escravos deveriam ser preparados para liberdade²². Em contrapartida, Garrison ficou conhecido pela defesa do imediatismo, uma vez que ele rejeitava a ideia de que os escravos não deveriam ser mantidos no cativeiro sequer um dia. Na verdade, ele conhecia bem, pelos inúmeros relatos e histórias de vida que ouvia, o que significava viver mais um dia como escravo e não considerava este um preço justo a se pagar por arranjos políticos harmônicos para proclamar a abolição²³.

A família de Garrison era proveniente do nordeste americano, ele próprio era um homem da Nova Inglaterra. Seu pai, Abijah Garrison, canadense de New Brunswick, foi marinheiro mercante e esteve sempre viajando. Num desembarque em Maine (EUA), Abijah resolveu ir ao culto na igreja da cidade, já que era domingo e ele ficaria por lá ainda mais algum tempo. Foi assim que Abijah Garrison viu pela primeira vez uma moça branca e de cabelos negros, seu nome era Francis Lloyd, conhecida como Fanny; já o sobrenome, Lloyd, era o de uma rica família de *quakers* e banqueiros nos EUA e na Inglaterra, embora ela não fosse rica nem *quaker*²⁴.

²⁰ BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp. 182-191.

²¹ DAVIS, D. B. **El problema de la esclavitud en la cultura occidental**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

²² DAVIS, D.B. **The Problem of Slavery in the Age of Revolution**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

²³ DAVIS, D.B. **El problema de la esclavitud en la cultura occidental**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

²⁴ *Idem*.

Em 1798, Abijah e Francis se casaram e foram morar no Canadá. Após 3 anos de casamento, nasceu James Garrison, o filho primogênito da casa; em 1803, eles tiveram Caroline e, por fim, nasceu William Lloyd Garrison, em 1805, quando a família já morava em Newburyport, Massachusetts. No ano de 1808, o embargo econômico britânico causou danos à economia norte-americana²⁵, sobretudo nas áreas de comércio exterior, o que acabou paralisando a atividade portuária e costeira onde Abijah Garrison trabalhava. Nesse mesmo ano, ele ficou desempregado, sua filha Caroline morreu e nasceu Maria, a filha mais nova do casal. O pai de William Garrison acabou se entregando à bebida e Fanny o expulsou de casa.

Esse fato pode ter influenciado bastante a vida de William Lloyd Garrison, que passou por apuros financeiros durante a infância e o começo de adolescência. Por conta da ausência do pai, sua mãe começou a trabalhar como enfermeira, a família viveu de favor na casa de amigos e, depois, mudou-se para Maryland, onde William e o irmão James trabalharam numa fábrica de sapatos. Alguns anos depois, Lloyd voltou para Massachusetts para terminar os seus estudos, morando de favor na casa de um pastor.

Na adolescência, após terminar os estudos, Lloyd se tornou um aprendiz de tipógrafo. Seu primeiro emprego no ramo foi no jornal *Newburyport Herald*, uma pequena publicação da cidade onde nasceu. Com um pouco mais de vinte anos, ele quis sair de sua pequena cidade e foi para Boston, conseguindo trabalhar no *Philanthropist's*.

A menos que tenha sido uma grande coincidência, os problemas de álcool do pai e a instrução moral decorrente da mãe parecem ter papéis importantes na formação dos valores de Lloyd. Um dos primeiros jornais em que ele trabalhou, já quando jovem, foi precisamente um periódico que tratava de temas sobre temperança e publicava uma série de conselhos sobre o vício do álcool. O *Philanthropist's* publicava notícias de toda sorte, mas tinha como foco principal desincentivar os leitores a consumirem bebidas alcoólicas. Esse modelo de jornal, que, ao mesmo tempo, trata do noticiário e publica opiniões e informação a respeito de um tema social, seria adotado anos depois por Garrison na sua própria publicação, *The Liberator*, engajada no ativismo abolicionista²⁶.

A juventude de Garrison também foi marcada pelo contexto e pela mentalidade encontrada nos movimentos de temperança do início do século XIX. De acordo com James

²⁵ *Idem.*

²⁶ *Idem.*

Rohrer, esse movimento com forte verve puritana começou por defender a moderação no consumo de bebidas alcoólicas. A ideia inicial foi construir um modelo de “homem moderado” que serviria de exemplo para todos, em especial para as classes mais baixas. Contudo, essa estratégia obteve resultados bastante limitados, levando, assim, a uma radicalização do movimento, transformando-o numa cruzada pela abstinência de álcool²⁷. Segundo Alexis de Tocqueville, esse típico fanatismo, “quase louco” é uma característica tipicamente americana e que dificilmente encontrava-se na Europa. Para confirmar essa percepção, o autor exemplifica que, de tempos em tempos, seitas e grupos corriam os Estados Unidos anunciando a palavras de Deus e combatendo o pecado na sociedade²⁸.

Garrison e o problema da escravidão

No Ocidente, a escravidão, por muito tempo, foi vista como um meio de expurgar os pecados dos negros. No entanto, para os *quakers*, como também para William Lloyd Garrison, a escravidão era vista como um pecado²⁹.

Em março de 1828, Lloyd, que tinha 23 anos, ouviu um discurso de um *quaker* abolicionista chamado Benjamin Lundy que viajava por todos os estados dos Estados Unidos e via as condições de cativo em cada um deles. Então, Lundy sempre discursava, informava as pessoas aquilo via e presenciava e contava as histórias que ouvia. Isso impressionou muito a Garrison, que era um rapaz do norte do país, onde já não existia escravidão, um rapaz que, até então, tivera pouco contato com escravos e, muitas vezes, entendia que a escravidão era um problema exclusivo do Sul. Lundy tinha um famoso jornal abolicionista: *The Genius of Universal Emancipation*. William Lloyd foi, então, para Baltimore (Maryland) e começou a trabalhar neste.

Com essa atuação que foi apoiada por muitos negros no Norte, Garrison resolveu iniciar um novo e ambicioso projeto. Ele queria fazer um jornal, com o modelo do *Philanthropist's* e a temática do *Genius*. Seus primeiros recursos vieram de um afro-americano fabricante de velas que solicitou 27 subscrições do jornal, o que garantiu a Garrison recursos suficientes para iniciar os trabalhos. Na primeira edição, de 1 de janeiro de 1831, o jornal dizia a que veio: “My name

²⁷ ROHRER, J. The Origins of the Temperance Movement: a Reinterpretation. *Journal of American Studies*, Cambridge, v. 24, pp 228-235, 1990.

²⁸ TOCQUEVILLE, A. **Democracy in America**, book I. Campinas: Livres, 2016.

²⁹ DAVIS, D.B. **El problema de la esclavitud en la cultural occidental**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

is LIBERATOR! I propose to hurl my shafts at freedom's deadliest foes! My task is hard- for I am charged to save *the man from his brother-* to reedem the slave!”³⁰.

A atividade de Garrison no *The Liberator* fez dele alguém famoso e, de certa forma, odiado em alguns círculos. Ele se tornou em poucos anos a figura mais influente do abolicionismo norte-americano, tendo fundado a *American Anti-Slavery Society* (AAS). Numa de suas convenções em Massachusetts, em 1841, ele conheceu um ex-escravo chamado Fredrick Douglass que, a despeito de trabalhar muito e ganhar pouco, pôde, com poucas economias, assinar o periódico *The Liberator*. Nessa convenção, segundo conta em sua autobiografia, Douglass discursou para outros negros no seu primeiro dia de folga desde que se tornara um homem livre, uma vez que, mesmo não sendo escravo, ele tinha que trabalhar de sol a sol e de domingo a domingo. Um amigo de Garrison, o senhor Collins, ouviu Douglass e o levou para falar num dos eventos principais da convenção. Douglass conta que, nessa ocasião, estava muito nervoso e não pôde fazer um grande discurso, contando apenas um pouco de sua vida. Ele havia nascido escravo em Maryland, mas com 21 anos entrou num trem e conseguiu fugir até New York, lá conheceu sua esposa e, depois de casado, foi para Massachusetts, onde conheceu Garrison. Então, já como um conhecido abolicionista, Lloyd falou logo depois de Douglass, fazendo um dos seus brilhantes discursos, que impressionou não só o rapaz, mas todos que o ouviram. Frederick Douglass, nesse mesmo dia, foi convidado por Collins para se juntar à militância abolicionista e trabalhar no *The Liberator*, convite que ele aceitou³¹.

O próprio jornal *The Liberator* publicou a famosa história *Narrative Life of Frederick Douglass: An American Slave*, que hoje é um clássico da literatura afro-americana³². Por outro lado, a convivência com Douglass também foi muito frutífera para a atuação de Garrison e de seu jornal.

³⁰ THE LIBERATOR, Boston, ano 1, 1 jan. 1831. Tradução: “Meu nome é LIBERATOR! Eu proponho lançar minhas flechas nos inimigos mais mortíferos da liberdade! Minha tarefa é difícil – por eu ser o encarregado de salvar o homem de seu irmão - para reedir o escravo!”

³¹ DOUGLASS, F. *Narrative of the Life of Frederick Douglass: An American Slave*. Boston: Bedford/St. Martin's, 2003. BLIGHT, D. *Frederick Douglass: Prophet of Freedom*. New York: Simon & Schuster, 2018. O livro de Blight foi de particular importância para este trabalho, uma vez que, dada a inexistência de biografias acadêmicas e historiográficas sobre Garrison, ele nos permitiu preencher certas lacunas, especialmente no que tange à relação do personagem com seu companheiro de luta Douglass.

³² DOUGLASS, F. *Narrative of the Life of Frederick Douglass: An American Slave*. Boston: Bedford/St. Martin's, 2003.

Como assinalou a historiadora Manisha Sinha³³, não faz sentido a tradicional divisão que a historiografia faz do movimento abolicionista, seccionando-o em: (1) um período de movimentos gradualistas, entre 1780 e 1830, em que se buscava alcançar a abolição em etapas (direito à manumissão, abolição do tráfico e abolição da escravidão) e (2) um período radical, iniciado nos anos 1830, com a ascensão de William Lloyd Garrison, em que se promulgava o imediatismo da abolição³⁴. Para a autora, o movimento abolicionista sempre foi imediatista se considerarmos as experiências do abolicionismo negro³⁵. O fato é que Garrison fora um dos primeiros brancos a absorver essa “postura mais radical” dos negros e a propô-la publicamente.

Nesse sentido, uma das contribuições de Garrison repousa no fato de, por ter bebido em muitas fontes da tradição de protestos negros de cunho radical, ter conferido uma clareza programática ao imediatismo abolicionista. Além disso, Garrison foi capaz de conseguir também a adesão de abolicionistas brancos ao imediatismo. Com efeito, Lloyd foi a peça fundamental para transformar a corrente imediatista do movimento em hegemônica.

Conclusão

No mais, vale lembrar que a historiografia atual sobre a abolição destaca, entre as causas principais do movimento, não só os interesses econômicos ou a tentativa de propagar os interesses imperiais britânicos, mas, sobretudo, a atuação enraizada dos abolicionistas na mudança da opinião pública que, em algumas décadas, deixou a aceitação de uma instituição milenar — a escravidão — para representá-la como um sinônimo de mal.

Entendemos que os movimentos abolicionistas britânico e norte-americano, com a militância conjunta de William Lloyd Garrison e Frederick Douglass, puderam utilizar a exposição de trajetórias de ex-escravos e a atuação jornalística como modos de debater e propagar questões caras à causa. Isto foi possível devido ao fenômeno, descrito por Habermas (2014) e localizado nos séculos XVIII e XIX, em que a esfera pública essencialmente literária se tornou uma esfera pública política. Neste sentido, observamos que o periódico *The Liberator*

³³ SINHA, M. **The Slave's Cause: A History of Abolition**. New Haven: Yale University Press, 2016.

³⁴ À título de explicar as afirmações de Manisha Sinha, cabe ressaltar que a autora periodiza o antiescravismo de maneira inédita. Para ela, houve duas ondas de antiescravismo. A primeira é caracterizada por críticas pontuais à escravidão e ao tráfico, tecidas nos séculos XVI, XVII e XVIII. A segunda, decorre após a Revolução Haitiana, que, como nunca visto, colocou em xeque a escravidão. A segunda onda, que pode ser propriamente chamada de abolicionista, foi, para Sinha, imediatista desde o seu princípio.

³⁵ WILENTZ, S. **The Rise of American Democracy: Jefferson to Lincoln**. London: W.W.Norton and Company, 2006.

atuou como um potencializador de lutas abolicionistas, propagando o imediatismo antiescravista, tão caro à experiência dos negros livres com quem Garrison conviveu.

Referências Bibliográficas

ABRUZZO, M. A. Humane Master — An Oblidging Neighbor — A True Philanthropist: Slavery, Cruelty, and Moral Philosophy. **The Princeton University Library Chronicle**, New Jersey, v. 66, n. 3, spring, p.493-521, 2005.

BLIGHT, D. *Frederick Douglass: Prophet of Freedom*. New York: Simon & Schuster, 2018.

BLIGHT, D. Perceptions of Southern Intransigence and the Rise of Radical Antislavery Thought, 1816-1830. **Journal of the Early Republic**, Filadélfia, v. 3, n. 2, summer, p. 139-163, 1983.

BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp. 182-191

DAVIS, D. B. **El problema de la esclavitud en la cultural occidental**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

DAVIS, D. B. **The Problem of Slavery in the Age of Revolution**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

DE VRIES, J. **The Industrious Revolution: Consumer Behavior and the Household Economy, 1650 to the Present**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

DOUGLASS, F. *Narrative of the Life of Frederick Douglass: An American Slave*. Boston: Bedford/St. Martin's, 2003.

ELTIS, D. Abolition and Identity in the very long run. In: KLOOSTER, Wim (Ed.). **Migration, Trade, and Slavery in an Expanding World: Essays in Honor of Pieter Emmer**. Boston; Leiden: Brill, 2009. pp. 227-258.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

HASKELL, T. Capitalism and the Origins of the Humanitarian Sensibility, Part 1. **The American Historical Review**, Oxford, v. 9, n. 2, abr., p. 339-361, 1985.

KOSELLECK, R. **Crítica e Crise: Uma contribuição à Patogênese do mundo burguês**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1999.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp. 167-182.

THE LIBERATOR, Boston, ano 1, 1 jan. 1831.

LOVELAND, A. Evangelicalism and 'Immediate Emancipation' in American Antislavery Thought. **Journal of Southern History**, Houston, v. 32, p. 172-180, 1966.

ROHRER, J. The Origins of the Temperance Movement: a Reinterpretation. **Journal of American Studies**, Cambridge, v. 24, p. 228-235, 1990.

SINHA, M. **The Slave's Cause: A History of Abolition**. New Haven: Yale University Press, 2016.

STEWART, J. Evangelicalism and the Radical Strain in Southern Antislavery Thought During the 1820s. **Journal of Southern History**, Houston, v. 39, ago., p. 379-396, 1973.

TEMPERLEY, H. Capitalism, Slavery, and Ideology. **Past and Present**, Oxford, n.75, mai., p. 94-118, 1977.

TOCQUEVILLE, A. **Democracy in America**, livro I. Campinas: Livres, 2016.

SINHA, M. **The Slave's Cause: A History of Abolition**. New Haven: Yale University Press, 2016.

WILENTZ, S. **The Rise of American Democracy: Jefferson to Lincoln**. London: W.W. Norton and Company, 2006.

WILLIAMS, E. **Capitalismo e escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.